

O ÓDIO INDISFARÇÁVEL CONTRA NEGROS, INDÍGENAS, POBRES E SEUS IDOSOS - A NECROFILIA COLONIALISTA OUTROCIDA (NCO) NO BRASIL

THE INDISFARABLE HATE AGAINST BLACK, INDIGENOUS, POOR AND ELDERLY PEOPLE - THE OTHER COLONIALIST NECROPHILY (NCO) IN BRAZIL

Wallace de Moraes^a

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar as posturas do governo brasileiro e a sua indisfarçável simpatia pela morte/aniquilamento de negros, indígenas, pobres e seus idosos. Necro-Estado e liberalismo econômico compõem o pior dos mundos para as novas senzalas e florestas brasileiras. Como forma de representar tais ações, apresento o conceito de Necrofilia Colonialista Outrocida (NCO).

Palavras-chaves: Necrofilia Colonialista Outrocida; anarquismo negro; Geronticídio; Necro-Estado

Abstract: The purpose of this article is to analyze the postures of the Brazilian government and its undisguised sympathy for the death / annihilation of blacks, indigenous people, the poor and their elderly. Necro-State and economic liberalism compose the worst of the worlds to the new slave quarters and Brazilian forests. As a way of representing such actions, I present the concept of Othercida Colonialist Necrophilia (OCN).

Keywords: Othercidal Colonialist Necrophilia; indigenous Anarchism; Black Anarchism; Gerontecide; Necro-State.

^a Professor de Ciência Política e dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) e História Comparada (PPGHC) da UFRJ. Pesquisador do INCT/PPED e líder dos grupos de pesquisas: Coletivo de Pesquisas Decoloniais e Libertárias (CPDEL/UFRJ); Observatório do Trabalho na América Latina (OTAL/UFRJ). Bolsista da FAPERJ.

Em vídeo divulgado nas redes sociais, no dia 11 de junho de 2020, o presidente da República instou aos seus seguidores que enviassem para ele vídeos depois que invadissem os hospitais públicos para filmar se os leitos estavam vazios; depois dessa bravata, repassaria os vídeos à Polícia Federal.¹ Isso porque, na visão dele, é invenção da oposição que a Covid-19 está deixando os hospitais repletos de gente. A sua coerência é admirável e a mantém desde o início. Em 16 de março, declarou que o novo coronavírus “não é o que dizem” e que é “uma histeria”. No dia 10 de abril, defendeu a flexibilização do isolamento social. Dois dias depois, quando o país ainda estava longe de atingir o ápice da contaminação, pronunciou: “parece que está indo embora essa questão do vírus”.²

No dia 7 de maio de 2020, Jair Bolsonaro, fez uma marcha a pé, com alguns dos maiores empresários do país e políticos apoiadores, até o Superior Tribunal Federal (STF). Seus objetivos principais foram exigir o fim do isolamento social e a volta à normalidade econômica. Subsidiariamente, almejava reverter o entendimento estabelecido pelo STF de que estados e municípios têm o poder de decretar medidas restritivas de circulação e de fechamento do comércio. Não satisfeito, no final da tarde, editou um decreto que incluía no rol de serviços essenciais as atividades da construção civil e industriais. No dia 11, incluiu academia, salão de beleza e barbearia como atividades essenciais. No Brasil, a mais ampla maioria das pessoas já morreram sem nunca ter usado um serviço extremamente essencial como uma academia de ginástica. Enquanto isso, alguns telejornais que não fazem parte do rol de apoiadores incondicionais do governo mostravam que em vários estados da federação os hospitais estavam

lotados e várias pessoas morriam por absoluta falta de equipamentos e leitos. O Brasil já contabiliza mais de 11 mil mortes oficiais e diferentes especialistas independentes chegam ao consenso de que esse número é infinitamente maior, alguns apresentam pesquisas de que seria 12 vezes maior, simplesmente porque a maioria dos mortos não realizaram sequer testes para Covid-19. Certo é que os cemitérios das grandes cidades entraram em colapso e estão fazendo enterros coletivos em valas comuns com caixões lado a lado. No início, chegaram a enterrar uns sobre os outros.

No dia 08 de maio, como forma de afrontar os que defendem o isolamento social, o presidente anunciou que daria uma festa para 30 convidados com jogo de futebol na sua casa. Em resumo, desde março, tem participado de aglomerações e realizado marchas com seus apoiadores.

O mandatário brasileiro já trocou o ministro da saúde, duas vezes, em menos de um mês, por divergências quanto ao isolamento social e o uso do remédio Cloroquina³. Atualmente, o Ministério da Saúde é comandado por um militar. No dia 28 de abril, perguntado sobre o crescimento das mortes, disse: “E daí? Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”. No dia 29 de abril, alegou: “todo mundo vai morrer um dia”. No dia 23 disse: “Não dá para fazer mais do que estamos fazendo”. Seus descalabros não começaram apenas quando assumiu a presidência da República, em 1999, enquanto deputado federal defendeu: “Só vai mudar, infelizmente, quando partirmos para uma guerra civil aqui dentro. E fazendo o trabalho que o regime militar não fez. Matando uns 30 mil (...) Se vai morrer alguns inocentes? Tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente.”⁴

Como entender os discursos e as posturas do presidente diante da pandemia em particular? A quem favorece e a quem desfavorece?

A base social apoiadora do governo é formada, principalmente, por igrejistas, militaristas e grandes empresários. Por isso, seus discursos sempre citam Deus, guerras e liberalismo econômico. Alimentada por uma indústria de fake News e fake History, com despejo de centenas de mensagens diariamente, seus militantes têm defendido, inclusive, um auto-golpe que feche o Congresso e o STF para que o presidente governe como quiser. Fazem constantemente alusão ao AI5 (Ato Institucional n. 5) imposto, em 1968, pela ditadura militar-plutocrática.

Fato é que vivemos no Brasil uma campanha eleitoral permanente induzida por apoiadores do presidente impulsionada por três principais aspectos: defesa do liberalismo econômico, prática de um racismo, uma necropolítica, e propagação do medo.

Nesse sentido, para melhor compreender essas posturas durante a pandemia de Covid-19, proponho a discussão de dois aspectos centrais e historicamente correlacionados: o liberalismo econômico e o racismo.⁵ Assim, trataremos da discriminação que sofrem negros, indígenas, pobres e seus idosos.

Da Colonialidade do Poder e da Necrofilia Colonialista Outrocida (NCO)

Para tanto, recorreremos a dois conceitos que explicitam bem as questões apresentadas: colonialidade do poder, do ser e do saber⁶ e Necrofilia Colonialista Outrocida⁷. O conceito de colonialidade do poder, cujo oposto é a decolonialidade, tem por objetivo situar a modernidade, iniciada em 1492, com a

conquista das Américas pelos Europeus, cuja principal marca foi a criação da ideia de raça, nos termos modernos, e de sub-humanidade, para os não europeus. O racismo, portanto, foi sua principal característica contra aqueles que Frantz Fanon⁸ nomeou como condenados da terra. O modelo erigido com a modernidade, marcada pelo eurocentrismo e a exportação do capitalismo para o mundo inteiro, não teria sido possível sem o processo colonial. Maldonado-Torres resume muito bem o papel do supracitado conceito para entender o colonizado como um condenado. Vejamos.

O mais direto e óbvio fio que unifica a colonialidade do poder, do saber e do ser é o sujeito colonizado, que eu proponho que concebamos, seguindo Fanon, como um *damné*, ou condenado. Os condenados são os sujeitos que são localizados fora do espaço e do tempo humanos, o que significa, por exemplo, que eles são descobertos junto com suas terras em vez de terem o potencial para descobrirem algo ou de representarem um empecilho para a conquista de seu território. Os condenados não podem assumir a posição de produtores do conhecimento, e a eles é dito que não possuem objetividade. Do mesmo modo, os condenados são representados em formas que os fazem se rejeitar e, enquanto mantidos abaixo das dinâmicas usuais de acumulação e exploração, podem apenas aspirar ascender na estrutura de poder pelos modos de assimilação que nunca são inteiramente exitosos. A colonialidade do poder, ser e saber objetiva manter os condenados em seus lugares, fixos, como se eles estivessem no inferno. Esse é o inferno em relação ao qual o céu e a salvação do civilizado são concebidos e sobre os quais ele está acoplado.⁹

O conceito de colonialidade busca representar que mesmo após os movimentos de libertação e independência dos povos colonizados, as práticas colonialistas permaneceram. Práticas essas que continuam a subalternizar negros e indígenas nas Américas, portanto, pautadas em práticas racistas. Entendemos que a referida categoria ajuda a entender as técnicas do governo brasileiro na atualidade. Com base nele e em outros, propomos o conceito de necrofilia colonialista outrocida (NCO). Vejamos seu significado.

Já podemos adiantar que o supracitado conceito está diretamente inspirado por diferentes filosofias/pensadores, a saber: na crítica do

colonialismo¹⁰, na necropolítica¹¹, na outremização¹², na colonialidade do poder¹³ na filosofia política anarquista¹⁴, no anarquismo negro¹⁵, nos ensinamentos das sociedades indígenas¹⁶, no comunalismo africano¹⁷, no quilombismo¹⁸, na simbiose entre indigenismo e negritude¹⁹.

Para o caso brasileiro, o conceito busca ressaltar que não se trata apenas de uma deliberação do soberano de fazer morrer e deixar viver (necropolítica) ou de fazer viver e deixar morrer (biopoder)²⁰, mas de uma política deliberada pela morte, uma simpatia, um amor pelo extermínio do “pária” da sociedade, do opositor, do outro. Nesse sentido, o conceito de necrofilia é mais apropriado, mais direto. Não se trata apenas de um oposto a biopolítica de Foucault, no campo de se regular a vida, a necrofilia não é apenas uma regulamentação da morte, mas busca representar um desejo pela morte. Todavia, não é a morte de qualquer um. Por isso, ela deve estar casada com o conceito de colonialidade.

É, afinal, uma necrofilia colonialista quase hedonista, pois sente prazer na morte do africano, do indígena, do asiático (do chinês), do árabe e de todos os seus descendentes em diáspora, ou não, que não estão prontos apenas para servir e têm dificuldades em aceitar o lugar destinado pela supremacia branca e seus parâmetros modernos/coloniais. É, nestes termos, uma necrofilia colonialista. O termo colonialista busca marcar que seus principais alvos são povos não europeus. Mas ele não atenta apenas contra estes.

Daí a necessidade do conceito de outrocídio, pois explica porque outras “minorias” para além dos alvos do racismo sofrem diante do conservadorismo reinante. Desta maneira, o conceito de outrocídio busca marcar a discriminação, a perseguição e o amor pela morte (simbólica, psicológica e/ou física) do pobre, do idoso improdutivo, da comunidade LGBTQIA+, da mulher independente, do

anarquista, do comunista, do ambientalista, do adepto das religiões de matriz não judaico-cristã, do analfabeto, do deficiente físico, daquele que atenta contra a propriedade do rico.

O primado desses processos discriminatórios é o narcisismo que não reconhece o outro como digno de respeito, nem como igual. Em última instância, não representa apenas o desrespeito pelo outro, mas um desejo por sua humilhação, que envolve seu aniquilamento psíquico.

Para que o outrocídio prevaleça impune é necessário negar a ciência emancipadora e atacá-la com toda força, pois assim se encontra terreno fértil para o cultivo de preconceitos, para propagação de dogmas que servem aos interesses dos governantes obcecados por poder e lucro, baseados em *Fake News* e *Fake History*.

Para abreviar, o conceito de NCO tem por objetivo representar várias formas de assassinar literalmente, ou psicologicamente, diversos segmentos sociais de governados da sociedade, sistemas ambientais, epistemológicos, religiosos e animais do planeta, atentando assim contra velhos, negros, indígenas, pobres, mulheres, comunidade LGBTQIA+, analfabetos, adeptos de religiões diferentes das judaico-cristãs, epistemologias revolucionárias, florestas e suas ecologias e animais.²¹ A NCO busca também criticar em seu conjunto o militarismo, o igrejismo, nacionalismo, capitalismo, liberalismo econômico e o necro-Estado – instituições que prezam pela prática do conceito, pautadas na negação da alteridade e no narcisismo ufanista xenofóbico. Estas instituições formam a base da Modernidade/Colonialidade/Eurocêntrica. Cabe ressaltar apenas mais uma questão. A NCO pode atacar todas as suas frentes em conjunto, assim como pode eleger um de seus alvos como principais para um

determinado momento. Durante a pandemia de Covid-19, os idosos, pobres, negros e indígenas, estão na alça de mira dos necrofílicos.

GERONTICÍDIO COMO PARTE DA NECROFILIA COLONIALISTA OUTROCIDA

Todos sabemos que a Covid-19 ataca fundamentalmente, mas não só, os mais idosos. No ano passado, o governo federal aprovou a redução de direitos para essa camada social via reforma da previdência. Não satisfeito, tentou de todas as formas evitar o confinamento social e caminhou, sem o menor constrangimento, no sentido contrário à preservação da vida dos mais longevos, pois prefere que a economia permaneça em andamento. Trata-se exatamente da postura denunciada por Chomsky²²: “primeiro o lucro, depois as pessoas”. Poderíamos adaptá-la para o contexto atual: “o lucro sobre os caixões dos mais velhos”. É necessário recorrer à História para entender tais posturas, aparentemente insanas, fascistas, cruéis, descabidas, desumanas. Talvez, agora fique claro para todos porquê o presidente tem horror aos direitos humanos, criados após os absurdos da Segunda Guerra Mundial, tendo como princípios básicos garantir a vida, evitar a tortura e o genocídio.

Entendemos a NCO como prática da colonialidade do poder que inclui os idosos trabalhadores como alvos prioritários da arma dos governantes embebidos pela ideologia do liberalismo econômico. Para esta teoria, é inconcebível que uma pessoa perca sua capacidade produtiva. Não é tolerável. Ainda mais se concebermos que determinadas pessoas devem ser financiadas pelo Estado sem trabalhar. Por isso, os idosos são os principais alvos. Mas não

são todos os idosos. Aqui entra o colonialismo para melhor explicar que há uma diferença fundamental de raça e de classe.

IDOSOS: RAÇA, CLASSE E A NCO

Membros das classes dominantes não fazem trabalho manual, se desgastam menos e desfrutam de tudo e de melhor que a medicina possui para alongar suas vidas, seu bem-estar. Assim, com todo luxo e com toda assistência médica disponível, sua perspectiva de vida é muito maior do que a do idoso pobre. Por isso, podem ficar mais tempo no trabalho produtivo com menos problemas do que o “velho favelado”.

Por outro lado, o idoso pobre normalmente realiza trabalho manual, muitas vezes embrutecedor, não tem assistência médica qualificada em hospitais com infra-estrutura de primeira categoria, e possui todas as carências que os povos colonizados sofrem há séculos (falta moradia, saneamento básico, salário decente, direitos sociais, educação). Com a chegada da terceira idade, sua capacidade produtiva cai progressivamente. É a lei da vida. Mas o sistema está pouco preocupado com isso, pois almeja o aumento constante da produção. Assim, prefere contratar um trabalhador novo com mais capacidade produtiva. O resultado é o altíssimo índice de desemprego entre os idosos que sofrem da NCO. Para piorar, alguns deles sobrevivem com dinheiro público da previdência social que, segundo a perspectiva do liberalismo econômico, onera as cofres públicos. De tal modo, é considerado como improdutivo, não tem valor, e é tido como um pária, um estorvo, sendo amplamente desrespeitado. Já foi até chamado de vagabundo por um presidente da república.

Outro conceito que pode nos ajudar a entender a questão é o de “governança da estética produtiva”. Esta busca representar que na sociedade capitalista jovens esbeltos e com físico de atleta são mais valorizados do que seu oposto por padrões ávidos por produção constante e rápida. O idoso é considerado como não adequado para o trabalho manual que lhe é destinado. A junção da “governança da estética produtiva” com a NCO e o liberalismo econômico resulta na hipervalorização do lucro e no descarte humilhante dos mais velhos. Idosos, negros, indígenas são os principais alvos desse sistema.

Essa postura tem uma história, uma origem. As sociedades tradicionais, indígenas e africanas, davam um extremo valor aos mais velhos, pela sabedoria, pelo domínio das tradições e da história do próprio povo, eram, portanto, seus líderes naturais e amplamente respeitados. A partir do Modernidade/Colonialidade tudo isso foi alterado. Nos regimes coloniais clássicos, o idoso era prontamente descartado. Não interessava aos senhores a garantia da sua vida. Muitas vezes eram jogados ao mar, enforcados ou largados nos porões para a morte. Sua sabedoria era inclusive considerada como um perigo para os colonizadores.

Hoje, a despreocupação com o isolamento social que se sabe colocará em risco principalmente a vida dos mais velhos e pobres, significa apenas a reedição da lógica colonial. É, portanto, uma postura da necrofilia colonialista que mata preferencialmente, no Brasil, negros, indígenas, seus descendentes e seus idosos, tidos como párias, descartáveis, improdutivos, usurpadores da previdência social, que se morrer por uma “gripezinha” não tem problema. O lema atual que melhor representa a necrofilia colonialista é: “o Brasil não pode parar.”

Com efeito, no dia 24 de março de 2020, o presidente fez um pronunciamento em cadeia nacional e no dia 27 de março lançou uma campanha publicitária com gasto de 5 milhões de reais. O objetivo de ambos foi apresentar a Covid-19 como “gripezinha”, defendendo o retorno das aulas, do trabalho, o fim da quarentena, acusando a preocupação e as medidas contra a propagação do vírus de “histeria coletiva”. Agindo dessa maneira procurava agradar aos capitalistas para quem governa, optando pela necropolítica. Troca descaradamente vidas de negros, indígenas, pobres e idosos por crescimento econômico que favoreça aos empresários.

A sorte desses idosos pobres, é que a Covid-19 não faz distinção de classe social. Grande parte das elites que defende com toda força o confinamento social está preocupada com a autoproteção de seus idosos brancos e ricos. Portanto, ainda assim é uma preocupação colonialista. Não se trata de preocupação real com idosos negros e indígenas. Se fosse o caso, também se rebelariam contra a reforma da previdência, a negação da demarcação de terras indígenas e quilombolas, o índice enorme de desemprego para pessoas idosas, a falta de estrutura em hospitais públicos e o liberalismo econômico que mata todo dia essas pessoas independente de qualquer vírus.

CONCLUSÃO

A proposta da volta à normalidade amplamente defendida pelo governo federal significa, portanto, a mais pura aplicação da NCO, envelopada pelo liberalismo econômico, que enxerga o idoso como pária que suga o dinheiro da previdência social pública.

A pandemia nos traz a certeza de que a arma da campanha eleitoral nunca esteve apontada para os bandidos-amigos corruptos, que precisam do rápido retorno das atividades econômicas para enriquecerem, mas para os velhos pobres, largados ao “salve-se quem puder”.

Somente depois de muita pressão de cientistas, jornalistas e de movimentos populares, de saber que os governos dos EUA e da Europa destinaram trilhões de dólares para salvar seus desempregados, o governo brasileiro propôs um "coronavoucher" de R\$ 600,00. Diante das necessidades, são medidas tímidas e insuficientes, típicas de um país ainda colonizado, que pensa pequeno, preso à camisa de força do liberalismo econômico e despreocupado com o bem-estar dos seus governados. A longa demora na sua implementação demonstrou a má vontade em fazê-la. Cada minuto sem ajuda para quem não pode trabalhar e não possui nenhuma reserva econômica (mais de 80 milhões de brasileiros) é uma eternidade.

Não é possível esconder a NCO em curso como um grande problema de saúde coletiva. Por tudo que propõe, o presidente está cometendo “genocídio culposo” não só por deixar morrer, mas por defender medidas que sabe matará principalmente os idosos, negros e indígenas, para garantir os lucros dos bandidos-amigos. Trata-se da aplicação mais cruel da NCO e de um fascismo racista enrustido.

Para não dizer que não falei de flores, os idosos devem ser tratados como nossos ancestrais e não como párias que sugam o dinheiro da previdência social pública. Nesse sentido, as literaturas africanas e indígenas nos ensinam muito (Fanon; Kom'boa; hooks; Kilomba; Sam Mbah; Krenak; Munduruku; Kopenewa). Devemos garantir uma aposentadoria digna para que possam viver seus últimos

anos bem, depois de uma vida inteira de contribuição para a construção do bem-estar coletivo, mas sobretudo, devem ter o reconhecimento, o respeito e o agradecimento de toda a sociedade. Indubitavelmente, essa deve ser uma preocupação urgente da saúde coletiva decolonial, antirracista e antifascista.

Referências:

¹Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/06/11/interna_politica,863124/bo-sonaro-recomenda-invadir-hospitais-arranja-jeito-de-entrar-e-film.shtml

² Fonte: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-05-20/de-nao-e-isso-tudo-a-tubaina-veja-falas-de-bolsonaro-sobre-covid-19.html>

³ O presidente acredita, contrariando estudos científicos, que a medicação Cloroquina é eficaz no combate ao coronavírus. A OMS não recomenda o seu uso e o governo dos EUA, antes defensor da sua utilização, através de seu departamento de saúde, proibiu o seu uso para o combate à Covid-19. Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/15/agencia-americana-revoga-liberacao-da-hidroxicloroquina-como-tratamento-para-a-covid-19.ghtml>

⁴ Fonte: Bernardo M. Franco jornal O Globo de 03 de junho de 2020.

⁵ Domenico Losurdo (2006) mostra muito bem a relação histórica entre liberalismo e escravidão.

⁶ Ramón Grosfoguel, « Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 80 | 2008, colocado online no dia 01 outubro 2012, criado a 30 abril 2019. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/697> ; DOI : 10.4000/rccs.697

⁷ DE MORAES, Wallace. A Necrofilia Colonialista Outrocida no Brasil. Revista de Estudos Libertários, UFRJ, 2020.

⁸ FANON, Frantz (1968) Os condenados da Terra. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

⁹ MALDONADO-TORRES, Nelson in Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel org. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

¹⁰ FANON, Frantz (1968) Os condenados da Terra. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

¹¹ MBEMBE, Achile (2018). Necropolítica – biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N1 edições.

¹² MORRISON, Toni. (2019). A origem dos outros – seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras.

¹³ Quijano, Anibal (2005). Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf

¹⁴ KROPOTKIN, P. *Palavras de um revoltado*. São Paulo: editora Imaginário, 2005. DUPUIS-DÉRI, F. (2019). Quem tem medo do povo? o debate entre ágorafobia política e ágorafilia

política. *Revista Estudos Libertários*, 1(1), 9-35.
in <https://revistas.ufri.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/24084>

¹⁵ ERVIN, Lorenzo Kom'Boa. Anarquismo e Revolução Negra e outros textos de anarquismo negro. São Paulo: Singular, 2015.

¹⁶ KOPENAWA, Davi & ALBERT; Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. O Banquete dos deuses. São Paulo: Global, 2009.

¹⁷ MBAH, Sam & IGARIWEY, I. E. Anarquismo africano – a história de um movimento. Rio de Janeiro: Rizoma, 2019.

¹⁸ NASCIMENTO, Abdias (2019). O Quilombismo. São Paulo: editora Perspectiva.

¹⁹ HOOKS, Bell (2019). Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante.

²⁰ FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade – curso Collège de France (1975-76). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

²¹ Existe um processo de matança generalizada de animais selvagens e também de criação de animas para consumo humano. Usarei a denominação de animaticídio. “Estudo da WWF com mais de 3 mil espécies mostra que os humanos destruíram 50% da população de animais selvagens do mundo em apenas 40 anos”. Fonte: https://istoe.com.br/388151_MATANCA+INDISCRIMINADA/

²² CHOMSKY, Noam (1998). Profit over people – neoliberalism and global order. New York: Seven Stories Press.